

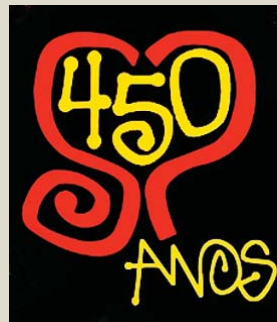
A Cidade e a Universidade de S. Paulo

Nesse número o tema são os 450 anos de fundação da Vila de Anchieta, que se transformou na maior metrópole do País e da América do Sul, com todos os seus problemas de grandezas, miséria e violência. Outras cidades no Brasil são mais velhas, como Salvador e Rio de Janeiro que já tiveram o seu período de opulência na Monarquia e início da República. Os informes culturais oficiais contam que existem na capital paulista 121 teatros, 228 cinemas, mais de 400 bibliotecas, 80 museus, 62 centros culturais e 8 grandes salas de espetáculos com capacidade superior a 1000 lugares. No ano passado foi contabilizada uma média de 4 espetáculos culturais, grátis, por dia. O governador do Estado de S. Paulo é um médico anestesista. Dentro dessa efeméride se comemoram os 70 anos da criação de Universidade de S. Paulo.

"Hoje a USP representa o maior conjunto educacional e de investigação do país, formado por 37 unidades de ensino e pesquisa, às quais se associam seis institutos especializados, quatro hospitais e seis museus. São oferecidos 189 cursos de graduação, freqüentados por 42.554 alunos, e 519 cursos de mestrado e doutorado, com 30.313 estudantes matriculados. É o maior centro de ensino de pós-graduação do hemisfério sul, responsável pela formação de 31% dos doutores titulados anualmente no país. Houve um aumento substancial do número de vagas, que saltou de 7.345, em 2001, para 10.047, já computadas as que serão criadas no final desse ano com a implantação do novo campus na Zona Leste.

Na pesquisa, a USP ocupa uma posição de vanguarda. Em 2002, seus docentes publicaram 23.550 artigos científicos, representando mais de 25% da produção científica nacional. De cada 250 descobertas importantes desenvolvidas no mundo, uma é feita na USP. Um quarto dos alunos da USP abandona o curso, a maioria ainda no primeiro semestre. O maior índice de desligamentos se concentra nas áreas de humanas (33%) e exatas (25%), mas há cursos em que a evasão chega a 79%".

Adolpho José Melfi, 66, é reitor da Universidade de São Paulo.



ENCONTRO DE ACADEMIAS DE MEDICINA NO CEARÁ

Nesse ano a Sociedade Cearense de Reumatologia (SCR) completa 50 anos de existência. É um estado em que o Governador também é médico. O grande pioneiro da introdução da Reumatologia, dentro da Universidade daquele estado, foi o Prof. Geraldo Gonçalves. O acadêmico Aloísio Fellet, diretor de eventos da ABR, da gestão do Prof. Adil M. Samara, está convocando os Acadêmicos da ABR a participarem dessa VI Conferência Nacional. Será um Encontro de Academias de Medicina, de 11 a 13 de Março de 2004, em Fortaleza, incluindo a Academia Brasileira de Reumatologia, a Academia Brasileira de Medicina de Reabilitação e a Academia Cearense de Medicina.

O Prof. Dr. Eduardo Gonçalves, já por 3 vezes presidente da SCR, ampliou esse encontro com jornadas científicas incluindo a Dor, Inflamação e a Reabilitação em Reumatologia.

O Presidente de Honra do evento é o Prof. Dr. Geraldo Gonçalves.

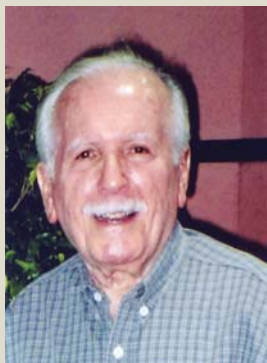
Contato: Fone: (085) 461.2222, e-mail: screumatologia@bol.com.br

PIONEIRO

O grande pioneiro da introdução da Reumatologia, dentro da Universidade do Ceará, foi o Prof. Geraldo Wilson da Silveira Gonçalves que recorda a participação ativa dos reumatologistas cariocas, os desbravadores da especialidade no País; como Valdemar Bianchi, Pedro Nava, Jacques Houli e Israel Bonomo. Ele afirma que também contou com a colaboração de Geraldo Gomes, de Pernambuco, e Marcos Rufino, do Piauí.

Depois de 15 anos de pesquisas históricas escreveu "Reumatologia Brasileira, Precursores e Pioneiros", publicado pela Casa de José Alencar, Fortaleza, 1996. É o livro base de várias matérias do site da Academia Brasileira de Reumatologia (www.academiareumatol.com.br).

O Prof. Geraldo Gonçalves é ex-Presidente da Academia Brasileira de Reumatologia (1996-1998). Presidente da Academia Cearense de Medicina (1994-1996).

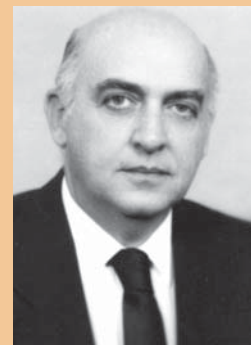


Nova edição dos Anais da ABR, veja página 6.

Pág 6

Meritocracia com disciplina

Prof. Dr. Adil Muhib Samara - Presidente



A menor unidade administrativa didática e científica da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP é o Departamento que, resultando de Disciplinas afins, é o responsável pelo desenvolvimento dos programas de ensino, pesquisa e extensão dos serviços à comunidade (Regimento Interno da FCM da UNICAMP; Deliberação do Consu, maio de 1997). As disciplinas e seus Coordenadores não estão inseridos na estruturação hierárquica desta Unidade, sob nenhum aspecto, quer científico, didático e até mesmo administrativo.

Esse editorial trata das possíveis implicações e reflexos desta deliberação; sobre a íntima relação de uma tão desejada meritocracia e a competência responsável de uma Disciplina nas nossas Universidades.

As atividades administrativas são desempenhadas, eficazmente bem, pelo Coordenador. Para ele convergem somente os problemas e dele quando possível, partem as soluções. Outrora, o papel exercido pelo Coordenador era de uma autêntica liderança científica, pois a ele, e, somente a ele, cabia definir as linhas de pesquisa e determinar qual o docente que melhor poderia assumir esse trabalho.

Esta liderança era naturalmente adquirida, justamente pela admiração, melhor dizendo, capacidade científica que disputava entre seus pares. O expediente eleitoral ou de consulta à comunidade ainda não havia se instalado nas nossas Universidades. O poder de decisão científica da Disciplina, os caminhos que a ela eram atribuídos, podem estar hoje na Pós-graduação. Um candidato munido dos pré-requisitos para nela ingressar, elege o tema e também o Orientador, sob a Coordenadoria desta extensão da universidade, seja em boa hora, contudo, implantada nas escolas médicas. Ninguém ignora o seu importante papel na pesquisa e na descoberta de novos talentos para a renovação e implementação do corpo docente no porvir. O crescimento e a emancipação de nossas Universidades é, pois, reflexo da sua contribuição.

Este crescimento, seja lá de que natureza for, e em qualquer nível, deve ser periodicamente reavaliado, pois é preciso saber onde nos encontramos. Quem melhor para assumir esta responsabilidade senão o Coordenador de uma Disciplina, sendo ele quem mais próximo está dos seus alunos, colaboradores, que dadas suas virtudes os elegeu para o ingresso na carreira universitária? As atividades didáticas e as assistenciais são importantes sim, e lembremos que o maior contingente dos que ingressam nas escolas médicas, é pois para exercer a profissão que escolheu, ou seja, a medicina, sua opção de vida.

A pesquisa, contudo, é de todas as atividades a que realça o verdadeiro papel da Universidade, senão, como explicar a exigência de uma vida curricular desde o mestrado até a titularidade

máxima? Ser cientista, porém, não é opção, é, sim, uma qualidade de mentes privilegiadas e seu lugar é mesmo na Universidade. Meu receio, contudo, é a Disciplina sem um regente, naquilo que, no meu entender, deveria ser a menor unidade, administrativa, didática e científica da Faculdade. A ela cabe, o poder executivo onde efetivamente se produz, cabendo aos outros níveis da Instituição o poder de legislar e por meios observacionais implementá-la ou exemplarmente puní-la. Por verossimilhança, a menor unidade histofuncional dos seres vivos é uma célula, não um sistema ou o todo. Basta uma delas não funcionar adequadamente bem e todas as outras ruirão a seguir.

A indisciplina é absolutamente trágica para as Instituições e a título de exemplo lembro aqui um trecho de uma crônica de Humberto de Campos sobre a Guarnição de Tifilis do Exército Turco de Mustafá Kamal Pacha:

“Certo dia, os Coronéis turcos, reuniram-se num dos quartéis da cidade, e resolveram não prestar mais obediência aos velhos generais. Uma intimação foi redigida, e começava assim: “Nós abaixo assinados, coronéis-comandantes dos batalhões turcos da guarnição de Tifilis, vos comunicamos, a vós, generais elevados a esse posto à sombra do trono em Constantinopla, que não cumprimos mais as vossas ordens, para que se salve o que ainda resta de bravura e de brio nas forças de terra aquarteladas na Geórgia”. E assumiram, discricionariamente, o comando das tropas.

Ao fim de dois meses era evidente, porém, a desinteligência entre eles. A ruptura do princípio da autoridade determinara a quebra da disciplina. E de tal modo que, numa sucessão de eventos semelhantes, mês após mês, as intimações se sucediam em termos cada vez mais baixos e insultantes. Por seu turno, os sargentos foram também desalojados, porém, pelo pessoal da faxina, que não disse nada, mas, os debandou a baldes d'água e a golpes de vassouras. Contando essa história dolorosa, Mustafá Kamil, conclui, com melancolia, por este conselho, que só tem oportunidade mesmo, na Turquia e numa imagem em que há um conceito à maneira oriental: “A disciplina é um tecido de malha, em que tudo depende de um fio. Roto o primeiro, todo o tecido se desfaz”

PS: O texto inteiro do teor deste Editorial, incluindo-se o episódio de Tifilis, encontra-se à disposição pelo e-mail: amsamara@uol.com.br

Boletim Acadêmico
Órgão Oficial da Academia
Brasileira de Reumatologia

DIRETORIA BIÊNIO 2002-2004

PRESIDENTE
Adil Muhib Samara

1º VICE - PRESIDENTE
José Luciano Fracasso

2º VICE - PRESIDENTE
Antonio Carlos Ximenes

3º VICE - PRESIDENTE
Walber Pinto Vieira

4º VICE - PRESIDENTE
Elizia Fernandes Lima

SECRETÁRIO GERAL
Henrique Josef

1º SECRETÁRIO
João Francisco Marques Neto

TESOUREIRO
José Roberto Provenza

DIRETOR CIENTÍFICO/EVENTOS
Aloysio João Fellet

CONSELHO DELIBERATIVO

**MEMBROS DA DIRETORIA
EX - PRESIDENTES**

Caio Vilela Nunes
Roberto Carneiro
Aloysio Fellet
Rubem Lederman
Geraldo W. S. Gonçalves
Ueliton Vianna
Lipe Goldenstein

MEMBROS CONSELHEIROS

Geraldo Gonçalves
Geraldo G. Freitas
Aquilles de Almeida Cruz Filho
Hilton Seda
Caio Moreira

BOLETIM ACADÊMICO

CONSELHO EDITORIAL
José Knoplich
Roberto Carneiro
Ueliton Vianna

SITE DA ACADEMIA

<http://www.academiareumatol.com.br>

SEDE PROVISÓRIA

Rua Emilio Ribas, 765 – Cj.51
Cambuí – CEP 13025-141
Campinas – SP
Tels: (19) 3251 9731 – 3255 6731
Fax: 3294 7142



BOLETIM
DA ACADÊMIA
BRASILEIRA
DE REUMATOLOGIA

Editado Pela Medgraf
(11) 3662-2444

Gregorio Marañón, humanista moderno

Prof. Dr. Dante Marcello Claramonte Gallian

Outro autor incluído no rol dos que discutem, com muita profundidade, os aspectos humanistas da medicina é o médico, endocrinologista espanhol, ensaísta e historiador Gregorio Marañón (1887-1960), que não teve a mesma notoriedade que Willhem Osler, mas, esteve muito ligado aos autores latino-americanos.

Marañón foi um cientista altamente inserido no contexto científico de sua época, tendo desempenhado um papel muito importante no desenvolvimento da endocrinologia, não apenas no seu país como também no cenário internacional.

Citava cinco fontes do saber médico como instrumentos essenciais para o exercício de uma medicina centrada na pessoa e não na doença: 1- clínica, 2- anatomia patológica, 3- fisiopatologia, 4- etiologia (em seu sentido mais amplo, envolvendo não apenas os aspectos estritamente biológicos como também os biográficos) e 5- as humanidades (as artes, a literatura e a história, que possibilitam adentrar na dimensão pes-

soal do paciente, além de constituírem-se, também, em despertadores privilegiados do interesse pelo humano, condição essencial da vocação médica). As humanidades que possibilitam o humanismo, trariam ao médico, segundo ele, “intuições sobre a vida humana, algo de fundamental para o bom exercício da prática médica”.

“O artista obtém as suas impressões diretamente da realidade, sem as interpretações científicas dos médicos, por isso, estão repletos de sentimentos humanos. Essa é a razão pela qual temos que dar atenção a eles. Aprende-se nos livros de ciências, mas, também, em contato com a vida - experiência extra-médica da vida. Tal como ao patologista, especialista em doenças, o médico humanista deve recorrer ao artista, ao filósofo, estes especialistas em vida humana, se quiser exercer uma medicina verdadeiramente humana e eficaz.”

Durante boa parte da história da medicina o saber humanístico se constituiu em fonte quase exclusiva do saber médico. Isso

só começou a mudar a partir do século XIX, quando o desenvolvimento das ciências biológicas, em confluência com a física, a química e a matemática determinaram uma reorganização do saber médico que, paulatinamente, foi desconsiderando o valor para o saber médico originário das fontes da humanidade.

O verdadeiro humanismo não pode ser confundido com simples erudição ou “enciclopedismo”, por outro não pode também ser reduzido à simpatia e bons sentimentos. Humanismo, que é “muito mais gesto e conduta” que “saber”, não surge de “coisas radicalmente inventadas, mas, sim, nascidas de um passado fecundo de toda a humanidade”.

Coordenador do Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde, que desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão na área das Ciências Humanas, em interface com as Ciências da Saúde da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de S.Paulo

CIÊNCIA

Pesquisas mais relevantes do ano

A revista “Science” elegeu, em sua edição de 19 de dezembro, as dez pesquisas científicas mais relevantes de 2003: trabalhos que expandiram o conhecimento humano, e não, necessariamente, aqueles que trouxeram aplicações práticas.

Em primeiro lugar ficou a confirmação da existência da matéria escura, em que uma sonda captou a imagem mais detalhada já feita da radiação cósmica de fundo a qual confirmou que apenas 4% do Universo é formado por matéria comum, a mesma de estrelas, humanos e plantas. Outros 23% é matéria escura e o restante, 73%, a energia que influi nessa matéria.

Essa matéria foi descoberta há quase 70 anos. Com a confirmação de sua existência os estudos se concentram em entender exatamente do que ela é feita.

Em segundo lugar na lista ficou a identificação dos genes que aumentam os riscos de doenças mentais hereditárias, como esquizofrenia, depressão e desordens bipolares.

Os diversos trabalhos que apontaram os impactos das mudanças climáticas no planeta receberam o terceiro lugar, em importância, no ano. Os cientistas tiveram provas, em 2003, de que o aumento da temperatura planetária está afetando a natureza. A quantidade de enchentes aumentou 7%, desde 1936, o que confere com os modelos climáticos dos cientistas.

Os outros temas escolhidos pela revista são: impacto do RNA (ácidos ribonucléicos) no comportamento celular; observação de atividades moleculares dentro de células; melhor entendimento das maiores explosões do Universo, as de raios gama e supernovas;



formação de óvulos e espermatozoides a partir de células-tronco; mudança da direção de luz e outras radiações eletromagnéticas pelo uso de diferentes materiais; seqüenciamento genético do cromossomo Y; e desenvolvimento de novas terapias contra o câncer.



XXV Congresso Brasileiro de
REUMATOLOGIA

Rio de Janeiro
8 a 11.Out
2004



World Congress on
Osteoporosis
2004
May 14-18, 2004
Rio de Janeiro, Brazil

Ensino Universitário, cotas e Faculdades de Medicina



Em 4/12/2003 foi divulgado pelo IBGE dados relacionados à Educação Universitária no país, baseados no Censo 2000, que estimava a população do Brasil em 169,7 milhões de habitantes. A proporção das pessoas com nível superior concluído é de 5,8 milhões de brasileiros, sendo 5,5 milhões com graduação (corresponde a 6,4% do grupo, acima de 25 anos) e 304 mil com mestrado ou doutorado (0,4%). Em 2000, ainda cursavam a graduação cerca de 2,8 milhões de pessoas, e outras 162 mil faziam mestrado ou doutorado.

Em 1991, um levantamento semelhante revelou que a taxa de diplomados em nível superior era de 5,5%. A proporção de brasileiros com nível superior é considerada baixa pelos especialistas se comparada à de países desenvolvidos ou em desenvolvimento. Dados do Banco Mundial apontam que, no final dos anos 90, o Brasil tinha uma taxa bruta de escolarização (número de matrículas no ensino superior) de cerca de 15%, enquanto, na mesma época, essa mesma taxa era de 36% na Argentina, 63% na Austrália, 38% no Chile, 54% na França, 21% no México e 73% nos EUA. A expansão do ensino superior na última década ficou muito abaixo das necessidades do país, segundo as autoridades brasileiras. Por isso existem estímulos para aumentar as ofertas de cursos, incluindo os de medicina.

O total de universitários são graduados das diversas áreas do ensino superior. A maioria, que inclui 39,8% do total, é um conjunto de várias Faculdades, que são: Direito (11,7% - 689.441 advogados), Ciências Sociais, e Administração que também inclui cursos como Psicologia (não está na área de saúde), Ciência Política, Economia, Jornalismo, Biblioteconomia, Publicidade e Finanças. Depois vem Saúde (15%), sendo que a Medicina corresponde a 4,4%, num total de 262.047 médicos, seguida de Educação (11,5%). A região Sudeste, a mais rica do país, concentra 59,7% dos diplomas e os brancos têm quatro vezes mais acesso ao ensino superior que os negros, pardos e indígenas.

As mulheres (equivalentes a 50,3% da população) representam 54,3% dos que têm nível superior, sendo 55% dos graduados e 43% dos que têm mestrado ou doutorado. Os últimos 20 anos são fundamentais no acesso feminino ao ensino: em 1991, as mulheres alcan-

çaram a média de 4,8 anos de estudo, empatando com os 4,7 anos obtidos pelos homens. Em 2000, chegaram a 5,9 anos, enquanto os homens registraram 5,6 anos de estudo. Os dados do Censo mostram que a universidade no Brasil é quase uma exclusividade dos brancos: da população com mais de 25 anos e nível superior, 82,8% são brancos. Dos brasileiros com nível superior, apenas 12,2% são pardos, 2,1%, negros e 2,3%, amarelos. Só 0,1% é indígena. Em comparação com o total da população do país (53,8% de brancos, 6,2% de negros, 0,5% de amarelos, 39,1% de pardos e 0,4% de indígenas), há mais brancos e mais amarelos que o esperado. Em 1991, o Censo apontou que 83,1% dos que tinham nível superior eram brancos (apesar de serem 53,8% do total da população do país). São Paulo, o Estado mais rico da federação, tem 34,5% dos diplomas e 21,8% da população. O desequilíbrio se repete no Rio de Janeiro, que tem 14% dos diplomas e 8,4% da população. O Nordeste, onde vivem 28,1% dos brasileiros, tem apenas 14,1% dos diplomas de nível superior. O problema com as minorias negras é terem vivido num ambiente familiar que não estimula a capacidade de aprender e de crítica para julgar o que as escolas lhes transmitem.

A proporção de negros e pardos entre os formandos do ensino superior aumentou nos últimos quatro anos. Dados do questionário socioeconômico do Provão realizado no final de 2003 mostram que, em todas as 18 áreas avaliadas desde 2000, cresceu a participação de negros e pardos entre o total de universitários que se formaram.

Em 2000, 15,7% dos formandos dessas 18 áreas se declararam negros ou pardos, percentual que aumentou para 20,7% em 2003, uma variação de 32%. Analisando somente entre os negros o índice subiu de 2,2% para 2,9%. Entre os pardos, passou de 13,5% para 17,8%.

A área onde, em termos proporcionais, houve maior aumento foi matemática. De 23,5% passaram a 35,4% (variação de 50,5%).

Os cursos de administração passaram de 12,5% do total para 18,4%, variação de 47,1%.

Segundo a Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) de 2002 do IBGE, 5,6% da população brasileira se declarou negra, 40,5% se disse parda e 53,3% branca.

SABER

Conhecimento e Comunicação

Não se pode falar em conhecimento sem falar em comunicação. A primeira grande revolução na comunicação foi a invenção da imprensa, com tipos móveis, na Alemanha, em torno do ano de 1450, por Gutenberg, que permitiu a reprodução de livros em inúmeros exemplares. Outro grande passo foi a publicação, em 1730, da Enciclopédia Francesa. Depois vieram os computadores e a Internet, no fim do século passado. A informação é o conhecimento na forma simples. Mas o conhecimento é a informação trans-

formada, criticada, comparada e analisada. As informações podem ser manipuladas pelos governos, mas, os conhecimentos, não podem, pois está cada vez mais difícil esconder os fatos, pois, com as diversas mídias, cada vez é maior o número de pessoas, em vários países, que têm acesso ao conhecimento, mesmo nas ditaduras, mais restritas.

As pessoas devem ser mais críticas no aprendizado e distinguir, no meio de tantas informações, qual é a relevante e qual é mera propaganda. No século XV, na época dos

conhecimentos enciclopédicos, dizia-se que o indivíduo culto, que estudasse muitos assuntos, se tornaria uma pessoa que teria um comportamento mais humano. Isso incluía estudar disciplinas como poesia e história, e não incluía estudos como astronomia e matemática.

Peter Burke, historiador da Universidade Cambridge (Inglaterra), que escreveu História do Conhecimento – de Gutenberg a Diderot, (2003, Ed.Zahar, Rio de Janeiro, em português)

Os Anais da Academia Brasileira de Reumatologia

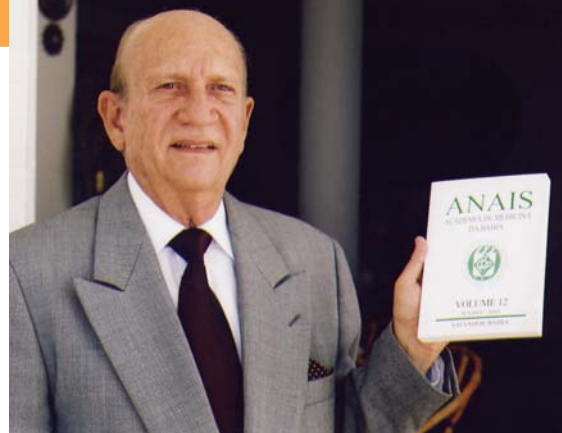
As Academias de todo o mundo publicam periodicamente em forma de livro, os ANAIS das reuniões que realizam com seus pares que são limitadas a presença de público. Os registros são para os cientistas que não estiveram presentes. O exemplo histórico desse tipo de atividade foram *Philosophical Transactions of the Royal Society*, a mais antiga forma de Anais que foi publicada em 1665

Na Royal Society de Londres houve debates fundamentais sobre a Teoria da Evolução de Darwin, sobre psicanálise de Freud, problemas de química de Lavoiser, Boyd, etc..., que ficariam perdidos não fossem esses Anais. Hoje em 2004 a Royal Society com inúmeras atividades publica 8 revistas periódicas (veja o site <http://www.royalsoc.ac.uk>). No Novo Mundo a partir de 1823, é publicado o *Annals of the New York Academy of Science*, que passou a ser uma revista indexada no Medline e segundo o site dessa Academia, a segunda revista mais citada

na literatura porque traz revisões de temas, que são debatidos em suas reuniões. Esses Anais têm outra finalidade e são editados 28 números por ano. Além dessa publicação mais 6 outras são editadas, inclusive uma chamada de *Transaction* que é exclusivo para os membros associados (<http://www.nyas.org>)

Os Anais da Academia Brasileira de Reumatologia, volume 1, com 450 páginas foi publicado na gestão do Prof. Dr. Lipe Goldenstein em Agosto de 2002.

O Prof. Dr. Adil Samara (presidente), o Prof. Dr. Aloysio Fellet (diretor de eventos) e o Prof. Dr. Henrique Josef (Secretário Geral) da gestão de 2003/2004 estão convocando os Acadêmicos a enviarem os seus artigos para a próxima edição dos Anais ABR. O prazo foi prorrogado e o endereço para o envio da correspondência é: Prof. Dr. Henrique Josef – Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 4510 – CEP 01402 – S.Paulo – Capital, até 30 de maio de 2004.



Academia de Medicina da Bahia

O Prof. Dr. Lipe Goldenstein acabou de editar os Anais dessa Academia da Bahia que, como todos lembram, recepcionou os acadêmicos na memorável Assembleia da ABR, em Salvador. O Prof. Lipe, integrante dessa Academia, também foi o orador principal do Dia dos Médicos, no ato público do Conselho Regional da Bahia. Há 4 anos que não se publicavam esses Anais.

A Academia Nacional de Medicina fundada, em 1829, no Rio de Janeiro, não tem publicado seus Anais.

Insatisfação com a Medicina

Abigail Zuger

Os resultados de enquetes com médicos americanos, que era até há pouco tempo, o país com a maior prática privada de todo o mundo, sugerem que os níveis da satisfação profissional caíram, substancialmente, nas últimas décadas. Em 1973, menos do que 15 % de 1000 médicos da prática privada relatavam alguma dúvida em relação a escolha correta da carreira. Em enquete semelhante 10 anos depois, 30% a 40% dos médicos da prática privada, se pudessem, não escolheriam a mesma profissão e não incentivariam seus filhos a seguir a carreira médica. Uma enquete, pelo telefone, com 2000 médicos, realizada em 1995, revelou que 40% dos doutores não recomendariam a profissão de medicina para qualquer estudante que fosse se candidatar a uma faculdade. Outra enquete nacional, realizada em 1981, mostrou que 48 % dos 1426 doutores da prática privada não recomendariam essa prática como fizeram há 10 anos antes. Esse mesmo grupo de pesquisadores realizou a enquete nacional, em 2001, em que 58 % dos 2608 médicos entrevistados perderam o seu entusiasmo pela medicina em relação aos cinco anos precedentes e 87% disseram que a prática médica piorou nesses últimos 5 anos, incluindo fatores como diminuição de renda, aumento de trabalho, e tempo gasto com tarefas administrativas, devido ao Medicare e Medaids (seguro dos pobres e idosos pago pelo governo) e o Managed Care (seguro pago pelas pessoas e fábricas), além do alto pagamento do seguro da Mal practice.

N.Engl.J.Med 350:1 janeiro, 2004: 69-75

Médica do St. Luke's-Roosevelt Hospital Center, New York, and the Albert Einstein College of Medicine, Bronx, N.Y.

Relação Paciente Investigador

Registra-se o fato: as pesquisas científicas, são financiadas pelo poder e dinheiro público. Quem faz a seleção dos projetos que vão ser financiados são os próprios cientistas. Uma ONG inglesa, chamada "Sociedade de Alzheimer da Inglaterra", tem um programa chamado de Pesquisa de Qualidade em Demência, que dispense em pesquisas a quantia equivalente a 10,8 milhões de reais, que é coletado entre o público em geral, principalmente pacientes, que deixam legados, contribuições de familiares, profissionais da saúde, etc.

A Sociedade, a partir de 2003, inverteu o sistema de financiamento das pesquisas. Os cientistas que quiserem obter recursos para suas pesquisas, nessa área específica, precisam apresentar os seus projetos científicos em linguagem acessível aos leigos. Os financiamentos são escolhidos por um Conselho misto (paritário, metade formado de leigos e metade de cientistas). São 150 pessoas no total, incluindo as leigas em pesquisa que fazem uma pré-seleção dos temas que acham prioritário para o paciente e para a sociedade em geral, mas, não especificamente para o aumento de conhecimento científico sobre a doença. Depois dessa pré-seleção, os cientistas da entidade examinam o mérito científico, mas não têm a decisão final. Esses artigos são mais ligados a área social e atendimento ambulatorial e estudos de fármaco-economia em relação aos tratamentos propostos, e não deixam, de ser importantes. Só para se ter uma idéia do poder de recursos: no Brasil, toda a área de pesquisas científicas (todas, inclusive a medicina inteira) teve um orçamento de 15 milhões de reais.

Novos meios de entender a violência

O que falta escrever, falar, pensar, analisar, projetar, enfim, estudar, sobre violência, que já não tenha sido feito?

Um bom leitor ou um bom médico não se forma apenas pelos livros que lê. Mas, a leitura, em ambos os casos, aciona elementos que aumentam a percepção dos sentidos em várias direções. O leitor mais crítico decodifica os sinais propostos por uma apresentação literária, teatral, operística ou cinematográfica, ou mesmo um caso clínico complexo, mas, muitas vezes necessita de um esforço intelectual maior para sair do marasmo e apreender as realidades gritantes do cotidiano, não expressas pelos meios usuais e métodos artísticos ou científicos já desgastados. Bia Lessa, sem tomar partido e sem ideologia, descobriu novos meios de expressar o conceito de violência, e passa até a defendê-la, como um novo processo darwiniano da sociedade de consumo.

outra”. Para aceitar essa entrevista justificou: “Hoje, acredito que a vanguarda cabe ao pensamento científico. A função da arte é revelar o real, documentar a realidade”.

Que exposição é essa?

“Criei uma exposição documental (como a Arte permite), não é científica, didática, estatística é, sim, feita para ser levada para casa e mostrar que o conhecimento pode ser conquistado. Mas, ao mesmo tempo e de outra forma é científica, didática, estatística, veja alguns detalhes: Diariamente, 190 pães (símbolo cristão da vida e universal do alimento) foram ofertados e os visitantes puderam trocá-los por qualquer objeto, levando o pão e comendo ou dando para uma outra pessoa. A maioria dos objetos da troca foram escolares, tais como, canetas, borrachas, lápis, etc. Geralmente os alunos e jovens davam um objeto de valor pelo pão. Outras pessoas, adultos e

fazem: um pequeno montinho de notas representa quanto ganha um médico por mês, 1.800 notas. O que ganha o Ratinho, 75 milhões de notas. O preço de um parto, 2000 notas e uma casa pequena é um bolo de 60 mil notas, o que ficava bem explícito o que significa, pois ocupava toda uma vitrine.

Existe um jogo de espelhos e grande quantidade de moldes de pessoas que ficam penduradas, por fios invisíveis representando os mortos por acidente de trabalho, do trânsito, doenças da miséria e da civilização, que ficam balançando à medida que cada um andava e se movimentava no assoalho, lembrando o que já aconteceu, o que ocorre nesse instante ou virá em breve. Cada dado estatístico era iluminado por uma pequena lâmpada. Enfim, uma grande instalação, do tamanho do tema, composta por uma profusão de objetos simbólicos, muitos deles livres para a interferência do público, dispostos em três andares.

Tristeza e violência

Prof. Dr Auro Danny Lescher

Há dez anos convivo diariamente com crianças e jovens privados das condições básicas para uma vida com dignidade.

Tenho aprendido e ensinado que as crianças que vivem na rua são tristes, e que a tristeza e a violência que os jovens sofrem e reproduzem são os dois principais sintomas da nossa grave doença social.

Quando um jovem se “cronifica”, numa dessas duas experiências, é comum que expresse a certeza de que a própria morte ocorrerá até os 20 anos de idade.

O consumo de drogas psicoativas entre esses jovens é altíssimo. Eles buscam uma percepção alterada da realidade e de si mesmos ou intensificam ao máximo o que a própria vivência das ruas lhes oferece: um imediatismo absoluto, uma anestesia à dor da lembrança de sucessivas privações — escola, lazer, cultura, afeto, cidadania.

Embora alguns dos fatores possivelmente associados à pior evolução sejam muito difíceis de se modificar (renda familiar, por exemplo), é possível adotar políticas que priorizem esse grupo vulnerável de jovens, como vínculos com instituições da rede de assistência social, programas de capacitação para o mercado de trabalho e tratamentos para usuários de drogas.

Auro Danny Lescher é psiquiatra, psicoterapeuta e coordena o Projeto Quixote, do Departamento de Psiquiatria da Unifesp.



Cenógrafa, diretora de teatro, óperas e cinema, além de atriz, Bia Lessa é uma artista polêmica, transgressora nas artes plásticas e todas as outras, principalmente, em exposições coletivas que tem realizado, pelo Brasil afora, mostra Barroca no Brasil + 500, do Descobrimento.

“Quando monto exposições dizem que estou fazendo dramaturgia, quando faço filmes dizem que é encenação teatral, mas para mim a mistura de fronteiras é absolutamente natural e legítima. A Arte nunca fica em segundo plano, em relação à Vida. Arte, ao meu ver, é a possibilidade de se tentar entender a vida. Uma coisa não caminha sem a

mais idosas, deixavam notas fiscais usadas de lojas, folhetos diversos, que ganharam na rua, ou seja, objetos sem valor. Outros deixaram, chaveiros, dinheiro em notas ou em moedas. Ao fim do dia, os objetos que ficavam no lugar dos pães eram colocados na exposição.

Essa é sua visão da violência?

Noutro ambiente existiam 300 baratas vivas; esse inseto é um dado concreto da miséria. Se a pessoa esqueceu o que é miséria associada com violência, 45 mil fotografias documentais, e uma sala com vídeo, a lembravam. Repare o didatismo que um milhão de notas de papel (imitação) de R\$ 1

O que é Claro Explícito?

Claro Explícito é uma experiência inusitada e, aparentemente, estranha, mas Bia Lessa esclarece: “É algo que você não entende, mas ao mesmo tempo, quando abre os olhos, e vê, é claro, é explícito” e após a sua “viagem lisérgica” pela amostra como se fosse um fato e um ato lembre-se: “O essencial é invisível aos olhos”.

“Nesse começo de milênio os pensamentos estão cada vez mais sofisticados, e a ação cada vez mais paralisada. Percebo isso em todos os setores da sociedade e não apenas nas artes, existe uma imensa dicotomia entre o falar e o agir.

Precisamos resolver questões que são fundamentais: Quem somos?

Por que vivemos? Por

que esse sofrimento todo, nessa vida tão genial e atraente. Não se pode mais, como antigamente, escolher um caminho e seguir pela vida aprofundando cada vez mais essa opção. Hoje em dia se você aprofunda muito num caminho, num tema você vira um avestruz, não enxerga mais as possibilidades, as probabilidades, etc. Acho que hoje o pensamento deve ser planar. Temos que ter sempre a perspectiva dos lados. Para cada trabalho que vou fazer é necessário que se encontre um raciocínio próprio. Nunca ninguém me incentivou. Tenho aquela tendência nata à desobediência!”

Entrevista concedida a José Knoplich por e-mail